

Jung Yun Chi

i

MIGRANTES COREANOS NA
FORMAÇÃO DO POLO ATACADISTA
DE MODA FEMININA DE PRONTA-
ENTREGA NO BAIRRO DO BOM
RETIRO, SÃO PAULO

RESUMO

Este artigo trata do papel dos imigrantes coreanos na consolidação do polo atacadista de moda feminina de pronta-entrega no bairro do Bom Retiro, São Paulo. Mostra a evolução histórica das confecções coreanas do bairro e as características particulares de seus negócios, destacando-se os aspectos urbano-espaciais.

PALAVRAS-CHAVE

Bom Retiro. São Paulo. Imigração coreana. Economia étnica. Confecção. Diversidade cultural.

INMIGRANTES COREANOS EN
LA FORMACIÓN DEL POLO
MAYORISTA DE PRONTA
ENTREGA DE MODA
FEMININA EN EL BARRIO DE
BOM RETIRO, SÃO PAULO,
BRASIL

THE ROLE OF KOREAN
IMMIGRANTS IN THE
DEVELOPMENT OF THE
WHOLESALE HUB FOR OFF-THE-
SHELF WOMENSWEAR IN THE
DISTRICT OF BOM RETIRO IN
SÃO PAULO, BRAZIL

RESUMEN

Este artículo trata del papel de los inmigrantes coreanos en la consolidación del polo mayorista de moda femenina de pronta entrega en el barrio de Bom Retiro, São Paulo. Muestra la evolución histórica de los negocios de confección coreanos del bairro e sus características particulares, destacando los aspectos urbanos y espaciales.

PALABRAS CLAVE

Bom Retiro. São Paulo. Inmigración coreana. Economía étnica. Confección. Diversidad cultural.

ABSTRACT

This article describes the role of Korean immigrants in the development of the wholesale hub for off-the-shelf womenswear in the district of Bom Retiro in São Paulo. It demonstrates the historical establishment of the Korean manufacturers in the district and the particular traits of their businesses, with emphasis given to their spatial-urban aspects.

KEYWORDS

Bom Retiro. São Paulo. Korean immigration. Ethnic economy. Garment industry. Cultural diversity.

INTRODUÇÃO

Ao observar a constituição espacial do polo têxtil do bairro paulistano Bom Retiro (Figura 1) – um polo de economia étnica do qual participam diversas etnias do bairro, cada uma ocupando-se de uma modalidade e constituindo, assim, uma cadeia completa e autossuficiente de produção e venda de artigos de vestuário –, podemos destacar particularidades dos negócios de imigrantes coreanos, referentes à venda por atacado de moda feminina de pronta-entrega. A consolidação dessa modalidade de comércio, circunstanciada por mudanças econômicas ocorridas no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, acelerou o processo de troca de etnia predominante nas confecções do polo têxtil, da judaica para a coreana, e acarretou uma série de rearranjos econômicos e espaciais. Neste artigo, apresentaremos o resultado desse processo, relacionando-o com a história da evolução das confecções coreanas do Bom Retiro, que culminou na formação do polo atacadista Aimorés-Lombroso, destacando-se as características espaciais das confecções coreanas.

Em vista da escassez de dados organizados e publicados sobre coreanos do bairro do Bom Retiro, investimos na busca de informações a partir de entrevistas e pesquisas de campo, sendo o material empírico levantado o cerne do presente artigo. Para complementar o material empírico e ajudar a recompor a história recente dos coreanos no bairro, foi consultado o acervo da Hemeroteca do Arquivo Histórico da cidade de São Paulo, do qual extraímos excertos de jornais e revistas com informações relevantes para nosso estudo.

¹ Mapas digitais da Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo, Cesad-FAU-USP. Disponível em: <http://www.cesadweb.fau.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=192819&Itemid=1460#current>. Acesso em: nov. 2014.

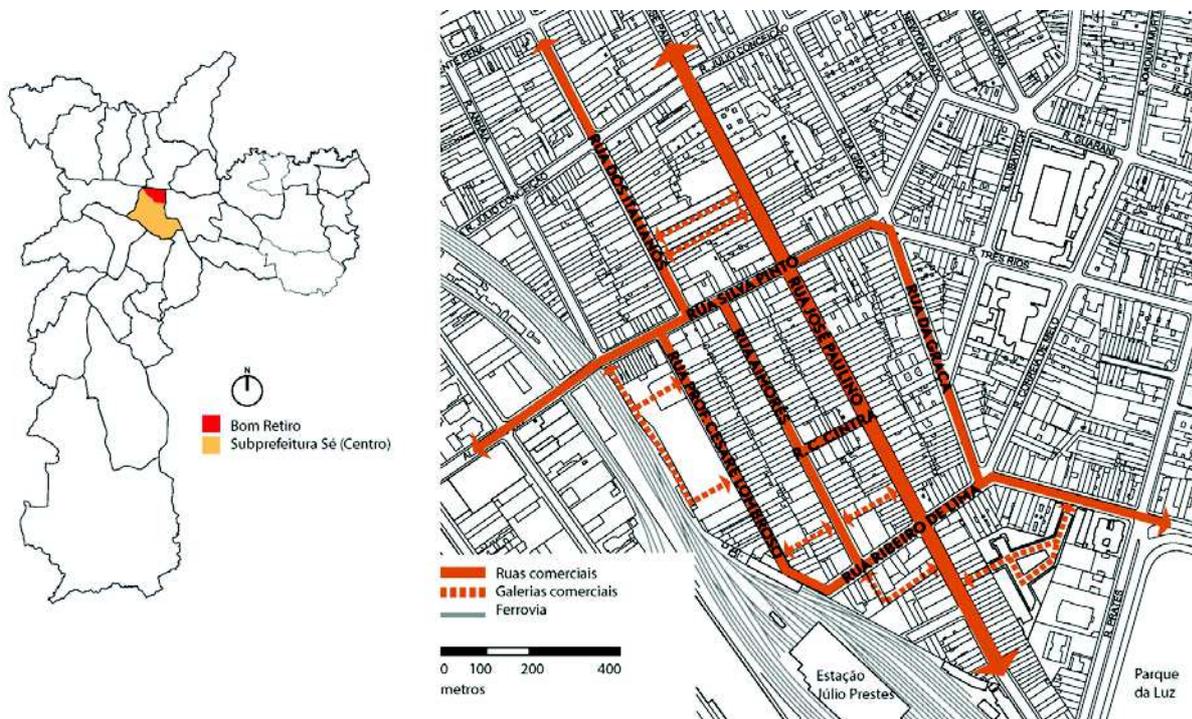


Figura 1: Localização do bairro do Bom Retiro no mapa de São Paulo e mapa do polo têxtil.

Fonte: Base Cesad-FAU-USP¹

POLO ATACADISTA AIMORÉS-LOMBROSO

Papaya, Manga Doce, Chica Fulô, Sedução – são essas as palavras dos letreiros que coroam as luxuosas vitrines com que nos deparamos ao dobrar a esquina da Rua Silva Pinto para entrar na Rua Aimorés (Figuras 2 e 3). Por mais que o comércio de vestuário do Bom Retiro seja conhecido pela rua comercial mais antiga do bairro, a Rua José Paulino, quem trabalha com moda feminina sabe que um dos maiores centros atacadistas do País nessa modalidade se localiza nas ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso². São duas ruas estreitas, cada uma com aproximadamente 300 metros de extensão, que correm paralelamente à Rua José Paulino e à antiga ferrovia da Estrada de Ferro Sorocabana. Apesar de os donos das confecções localizadas nessas ruas serem coreanos ou brasileiros nascidos em famílias de origem coreana, os nomes que remetem à brasilidade e as fachadas de fino acabamento, porém de aparência comum que nada remete à etnicidade, contrariam a expectativa de quem tenta ver algum sinal da cultura coreana expresso nessas ruas.

As confecções atacadistas de moda feminina do Bom Retiro têm a clientela composta, em sua maioria, por mulheres, donas de pequenas lojas de varejo e sacoleiras de todo o país (DINIZ, 2012)³, ou seja, são compradoras profissionais que vêm abastecer seus estoques para revenda. Andam pelas calçadas das ruas Aimorés e Lombroso, cada uma arrastando uma grande mala de rodas e analisando as roupas expostas nas vitrines. Vestem-se confortavelmente, porém, com elegância, porque fazer compras ali significa andar muito, mas também fazer contato profissional com seus fornecedores atacadistas coreanos.

Por meio da qualidade dos produtos expostos nas vitrines e da maneira pela qual são apresentados, pode-se perceber que existe ali nas ruas Aimorés e Lombroso um esforço de destacar-se em relação ao que se vê nas outras ruas do bairro. De fato, ter um ponto comercial em uma dessas duas ruas é considerado um grande prestígio entre os coreanos da colônia, pois é sinônimo de ser confeccionista de sucesso. Pelas informações que são transmitidas de

² As ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso eram conhecidas como zona de meretrizes na década de 1940. Sobre sua história de transformação urbana, ver Chi (2016) Capítulo 4, item 1.4.

³ Segundo reportagem da *Folha de São Paulo*, 95% dos clientes das lojas do Bom Retiro são mulheres e 60% delas são donas de butiques e pequenas lojas. O restante são as sacoleiras.



Figura 2 e 3: As vitrines da Rua Aimorés.
Fonte: Fotos da autora, 2015.

boca a boca, por mais sigilosas que sejam, todos sabem o que custa manter um negócio em um dos pontos de venda mais caros da cidade de São Paulo, perdendo apenas para aqueles da Rua 25 de Março em seu valor imobiliário⁴.

Segundo contagem do governo sul coreano de junho de 2009, o número de coreanos no Brasil é de 50.523, incluindo segunda e terceira gerações, ilegais, temporários e cidadãos naturalizados brasileiros (THE OVERSEAS KOREANS FOUNDATIONS⁵ apud IM *et al.*, 2009) e de acordo com os dados do Consulado Geral da República da Coreia, de fevereiro de 2011, 98% dos coreanos no Brasil moram na cidade de São Paulo, 60% dos quais se dedicam à moda feminina. Estima-se que o que eles produzem corresponda a 40% da indústria têxtil brasileira (CHOI, 2011, p. 273). Esses números comprovam que a participação dessa minoria étnica na indústria têxtil é significativa, e que a economia têxtil tem grande importância na vida dos coreanos de São Paulo. Apesar de os confeccionistas coreanos estarem divididos entre os bairros do Brás e do Bom Retiro, sendo de empresários coreanos 65% das confecções do Bom Retiro e 33% do Brás (CHOI, 2011, p. 274), é no bairro do Bom Retiro onde a colônia coreana tem maior representatividade, não só na atividade econômica, mas também com seus equipamentos coletivos, formando um enclave étnico⁶. A entrada dos coreanos no Bom Retiro é relativamente tardia, pois os imigrantes pioneiros haviam se fixado na região do Glicério, no início dos anos 1960, onde podiam contar com ajuda tanto de coreanos que haviam chegado ao Brasil junto com a colônia japonesa, quanto da própria colônia japonesa do bairro da Liberdade, uma vez que os imigrantes coreanos da época eram fluentes em japonês por causa da educação que tinham recebido na época da dominação da Coreia pelo Japão, de 1910 a 1945. Quando chegaram ao Bom Retiro nos anos 1970, antes que viessem a morar no bairro, ocuparam-no com as confecções, visando concretizar ali o sonho de ter negócios próprios.

A partir da abertura do mercado brasileiro, ocorrida nos anos 1990, e a consequente diversificação do mercado têxtil, os coreanos ocuparam espaço também na importação de tecido e aviamentos, o que proporcionou maior grau de autonomia para os negócios da colônia, com os co-étnicos entrando na concorrência com fornecedores de outras etnias.

A ascensão econômica dos coreanos – possibilitada pela existência de redes de relações sociais estreitas de cooperação, confiança e preferência na qual se constitui uma economia étnica – provocou uma transformação rápida no polo têxtil do Bom Retiro, principalmente das ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso. Mas antes de tratarmos das especificidades da evolução espacial do polo Aimorés-Lombroso, traçaremos breve histórico dos coreanos no mercado de confecção deste bairro, desde a sua inserção até a constituição do polo atacadista de moda feminina de pronta-entrega dos dias atuais.

DÉCADA DE 1970: OS PIONEIROS

Hoje a maioria dos coreanos de São Paulo trabalha com venda por atacado de moda feminina. Mas, ainda na década de 1970, quem tinha pouco capital trabalhava em casa ou nas oficinas de costura fornecendo mão de obra barata para os conterrâneos que possuíam estabelecimentos comerciais e outros confeccionistas do Bom Retiro⁷. Se contasse com algum recurso, abriria pequenas lojas varejistas de roupa, chamadas de *butiques*, nos centros comerciais de bairros como Penha, Lapa, Pinheiros e Saúde. Os confeccionistas

⁴ Dados da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (EMBRAESP) (DANTAS, 2006).

⁵ THE OVERSEAS KOREANS FOUNDATION. Disponível em: <http://www.korean.net/morgue/status_4.jsp?tCode=status&dCode=0105>. Acesso em: 19 de junho de 2009. [s/l], [s/d].

⁶ Sobre a formação do enclave étnico dos coreanos do Bom Retiro a partir dos anos 1990, ver Chi (2016) Capítulo 3, item 2.

⁷ A imigração coreana no Brasil da década de 1970 caracteriza-se pelo fim do processo de imigração oficial e pela entrada ilegal de imigrantes e essa seria a causa principal de diferença socioeconômica entre eles nessa época. Para mais informações, ver Chi (2016) Capítulo 3, item 1.

coreanos de porte maior, que eram, ao mesmo tempo, varejistas e atacadistas e que forneciam mercadorias para as butiques, estavam saindo do bairro do Glicério para estabelecer-se no Brás ou no Bom Retiro.

Segundo Choi (2011, p. 293), algumas pequenas malharias e confecções já tinham se instalado no Bom Retiro e no Brás desde o fim da década de 1960, mas o registro da primeira loja de coreanos, localizada na parte inicial da Rua José Paulino, é de 1977. Logo em seguida, abriram-se mais duas: uma também na primeira quadra da mesma rua e outra dentro da galeria que faz ligação entre as ruas José Paulino e Aimorés. Esses confeccionistas de maior porte eram, então, os principais fornecedores das butiques dos co-étnicos. Os coreanos que costuravam, por sua vez, vendiam roupas produzidas dentro de suas casas para essas lojas. Com o emprego da mão de obra barata dos imigrantes ilegais e dos menos favorecidos da própria colônia, eles aumentavam sua força na concorrência com o baixo preço dos produtos vendidos. Além desses coreanos da Rua José Paulino, há relatos dessa época de outros coreanos no bairro, de oficinas espalhadas em locais mais baratos fora da rua principal de comércio, tais como a Rua Três Rios e a Rua Ribeiro de Lima. A presença dos coreanos no Bom Retiro começava a chamar atenção pela etnicidade, mas sua participação no comércio do bairro ainda era pequena.

⁸ Trecho de entrevista concedida por uma confeccionista coreana da Rua José Paulino.

Antes de sistematizarem o processo de produção e comércio com foco na venda atacadista, resultando no formato atual do negócio de confecção coreana, a organização do fluxo de mercadorias e a comunicação entre os que produziam e os que vendiam eram muito confusas. Os poucos confeccionistas que começavam a estabelecer-se no Bom Retiro e no Brás faziam sucesso como varejistas graças ao preço baixo dos produtos vendidos, e também como atacadistas, pois concentravam as produções das oficinas caseiras e organizavam a distribuição. Ao distribuir as mercadorias, garantiam o fornecimento a apenas um varejista por bairro e, assim, mantinham a fidelidade de seus clientes. Porém, a oferta era pouca e a demanda era grande. Uma comerciante varejista da época retrata a dificuldade que enfrentava para conseguir mercadorias para vender:

Como havia poucas confecções de coreanos, era difícil conseguir mercadoria. A regra era que cada confecção fornecia para um comerciante do bairro. [...] Quando não conseguia mercadorias, assim que fechava a loja, ia às ruas atrás de roupa, vagava por aí até de madrugada batendo nas portas das casas. Assim, conseguia algumas coisas para vender⁸.

DÉCADA DE 1980: ENTRADA MASSIVA DE COREANOS NAS CONFECÇÕES DO BOM RETIRO E CONSOLIDAÇÃO DA PRONTA-ENTREGA

No Bom Retiro do início da década de 1980, o número de confecções coreanas teve um aumento repentino. Naqueles anos, os coreanos estruturaram seus negócios no formato que a maioria adota até os dias de hoje. A entrada de grande número de coreanos no mercado de confecção do Bom Retiro é resultado de algumas mudanças que ocorreram na época, tanto externas quanto internas à colônia coreana. Como *fatores externos* e decisivos para isso, podemos enumerar os seguintes:

- Decadência do comércio varejista de rua.
- Envelhecimento da primeira geração de imigrantes judeus.

Os *fatores internos* foram principalmente:

- Sucesso dos pioneiros co-étnicos.
- Acúmulo de capital.
- Introdução da pronta-entrega.
- Entrada da “geração 1,5”⁹ no mercado de confecção.

Com a consolidação dos *shopping centers* na cidade de São Paulo como nova forma de comércio varejista, os coreanos que detinham pontos de varejo nas ruas da cidade relatam terem observado queda na procura de seus produtos. Inspirados pelo sucesso dos confeccionistas co-étnicos pioneiros, e já com certo nível de capital acumulado, seja pelo varejo de roupas, pelos serviços de costura, seja por atividades comerciais de outras modalidades, muitos decidiram procurar pontos comerciais no Brás e no Bom Retiro para abrir uma confecção própria, em um movimento contra a diversificação econômica.

No Bom Retiro, isso coincidiu com o envelhecimento da primeira geração de imigrantes judeus que já tinham idade adulta quando chegaram ao bairro na década de 1940. Com a ascensão social e econômica da colônia judaica, a maior parte da segunda geração de imigrantes judeus estava deixando o comércio e o bairro. Para os poucos que sobraram e insistiram em levar os negócios de confecção adiante, a difícil concorrência com os produtos baratos oferecidos pelos coreanos e a forma direta com que chegavam para negociar a transferência dos pontos pareciam ameaçadoras. Mas, passado o susto inicial, os judeus do Bom Retiro não demoraram a perceber que a locação das propriedades era um negócio rentável e estável, ainda mais para os coreanos que tinham seus empreendimentos em alta. Assim, de modo geral, a transição dos negócios da colônia judaica para a colônia coreana foi pacífica, começando uma parceria duradoura entre as duas colônias de imigrantes do bairro, que persiste até os dias de hoje. Desde essa época, as imobiliárias do bairro são os pontos de maior diálogo entre elas, intermediando ajustes de interesses e conflitos.

A alta competitividade dos negócios dos coreanos da época devia-se principalmente ao baixo custo da mão de obra costureira dos próprios coreanos. Um jornal do ano de 1978 descreve as condições precárias de moradia de uma família de imigrantes coreanos ilegais que se sustentava com os ganhos de uma oficina de costura caseira:

O senhor Lee – um nome fictício – só abre a porta depois de trocadas algumas palavras em coreano com o imprescindível guia. Ultrapassado o batente, descortina-se toda a vida de uma família de cinco pessoas que trabalha, come e dorme em um quadrado de 6 metros por 5. Duas máquinas de bordar sob uma lâmpada, um sofá e um guarda-roupa que serve de divisória entre o quarto-sala-oficina e a diminuta cozinha, colchões empilhados sobre este móvel, uma infinidade de panos espalhados pelo chão, constituem os bens de casa (COREANOS ESCONDIDOS, 1978).

O relato prossegue denunciando o trabalho infantil e o medo de serem deportados que os submetia ao enclausuramento e a qualquer condição de exploração de trabalho, assemelhando-se às frequentes exposições da imprensa entre os anos 2010 e 2015 sobre os costureiros bolivianos, mostrando que, independentemente da etnia explorada, as confecções do Bom Retiro, desde então, ergueram-se sobre esse tipo de mão de obra, incluindo os empreendimentos daqueles que sofreram tais abusos na fase inicial de imigração.

⁹ A expressão “geração 1,5” é usada pelos coreanos para designar os imigrantes nascidos na Coreia que imigraram para o Brasil ainda crianças e concluíram sua formação escolar no Brasil.

Para entender melhor as razões pelas quais os imigrantes coreanos constituíam mão de obra barata, podemos recorrer à análise de Light e Bonacich (1991, p. 359-427) sobre a colônia de imigrantes coreanos de Los Angeles, levando em conta as diferenças entre os dois países, mas também, e, sobretudo, as semelhanças dos padrões de imigração. Segundo esses autores, a primeira razão da mão de obra barata foram as condições precárias de trabalho no país de origem, que, na década de 1970, encontrava-se no estágio inicial de transição para o capitalismo, restabelecendo-se de um longo período de domínio japonês e da guerra sob a influência norte-americana. Um trabalhador sul-coreano ganhava, em média, um décimo do que ganharia um norte-americano pelo mesmo trabalho e, por isso, aceitaria com mais facilidade o trabalho duro mediante pagamento baixo. A segunda razão consistiu na própria condição de imigrante, porque a barreira da língua e a falta de oportunidade no mercado tradicional de trabalho fizeram que o trabalho penoso de pequenos negócios fosse atraente, se não a única opção. Por último, a concentração dos imigrantes em pequenos negócios teria incentivado a exploração de mão de obra barata dos co-étnicos, sendo ela o pré-requisito para o sucesso econômico posterior. Nesse sentido, a baixa remuneração seria duplamente causa e efeito da concentração coreana em pequenos negócios.

¹⁰ A tradução da expressão coreana *pali pali* em português é "rápido, rápido!". Como o povo coreano é apressado e impaciente na percepção geral, tal expressão é tida como algo que resume seu temperamento.

Assim, a flexibilização do trabalho no mercado de confecção, inicialmente possibilitada pelo emprego da mão de obra dos próprios coreanos e sua exploração baseada nos laços de lealdade e no paternalismo, concretizava-se na introdução de um novo formato de produção e de venda, chamado de *pronta-entrega*, em um mercado até então dominado por atacadistas que produziam por encomenda. Podemos encontrar, em um jornal de 1987, um trecho que descreve com precisão os efeitos dessa mudança no modo de produzir.

(Os coreanos) mudaram o estilo de negociar. Enquanto os pioneiros estão confeccionando roupas para serem vendidas dois meses depois, eles já estão com as vitrinas prontas. Há quem afirme que os orientais fazem uma moda rápida, sem muita pesquisa, e de preço acessível, com a nítida preocupação de girar o estoque. A sensação de alguns observadores é que os coreanos trabalham não apenas doze, mas 24 horas por dia. [...] Assim eles ganharam os principais pontos do Bom Retiro. [...] todos realizam lançamentos semanais, renovam as vitrinas e giram o estoque com rapidez (A INFLUÊNCIA, 1987).

A mistura entre o jeito coreano *pali pali*¹⁰ e a sede por sucesso econômico também se traduziu na pronta-entrega, revelando-se uma estratégia bem-sucedida e competitiva. Para os varejistas, a nova possibilidade de abastecer os estoques conforme as necessidades do momento sem ter de agendar a produção com meses de antecedência era um grande atrativo. Mas o sucesso da pronta-entrega não foi puramente por méritos dos confeccionistas coreanos e, tampouco, resultado de um planejamento racional e estratégico. Sua adoção, antes de tudo, parece ser circunstancial: diante da fragilidade dos canais de venda nas décadas anteriores, criou-se o hábito de produzir primeiro para procurar a quem vender depois. Ou seja, a pronta-entrega também representa uma estratégia de sobrevivência, a herança da época em que as mulheres saíam para vender de porta em porta o que a família costurava em casa.

Podemos dizer que a pronta-entrega é um híbrido de venda por varejo e de atacado tradicional por encomenda. Assim como um varejista, o atacadista de pronta-entrega precisa lidar com acúmulo de produtos no estoque e exhibir os produtos para atrair compradores, enquanto um atacadista tradicional

trabalharia mais como um produtor industrial, operando de dentro de suas oficinas por meio de canais de venda mais estáveis. Por causa dessa particularidade, a adoção da pronta-entrega acarretou uma série de mudanças espaciais nas escalas urbana e arquitetônica, não só no bairro do Bom Retiro, mas também do Brás. Essas mudanças foram:

- Constituição do polo atacadista, um *shopping* de venda por atacado a céu aberto, por causa da necessidade de agrupamento de estabelecimentos do mesmo ramo para atrair a clientela de mesmo perfil.
- Incremento das estratégias de venda, com vitrines vistosas que chamam atenção para os produtos.
- Remanejamento dos espaços de venda e de produção.

Esse remanejamento dos espaços de venda e de produção é reflexo da flexibilização do trabalho, característica inicial e central da venda por atacado de pronta-entrega. Na falta da possibilidade de planejamento, a produção precisava ser flexibilizada para responder rapidamente ao grau de aceitação dos produtos no mercado, pois o sucesso dos produtos era provado só depois do lançamento, já nas “araras”. Um confeccionista eficiente estaria atento ao fluxo de venda na ocasião do lançamento de uma nova coleção para produzir mais dos modelos que se mostrassem de boa aceitação, aumentando o potencial do lucro, e frearia a produção de produtos parados no estoque, liquidando-os para minimizar o prejuízo, tudo dentro do ciclo da mesma coleção. Por causa disso, um atacadista de pronta-entrega dificilmente tem equipe de produção fixa, sempre preferindo terceirizar as oficinas de produção e manter uma estrutura fixa mínima dentro da empresa.

Portanto, se levarmos em conta que a flexibilização do trabalho é a causa da consolidação da pronta-entrega e não o contrário, podemos entender a razão da persistência do regime de subcontratação nas confecções do Bom Retiro de hoje. Além disso, segundo Souchaud (2011, p. 77) “*a evolução da organização do conjunto do setor têxtil no âmbito da globalização, da abertura dos mercados nacionais e no fomento de uma concorrência internacional acirrada*” faz que a procura por mão de obra flexível e barata seja cada vez mais crescente, e esse contexto atual também não deixa muitas alternativas de emprego de mão de obra costureira para a indústria de confecção dos bairros centrais de São Paulo. A alta competitividade da pronta-entrega, afinal, parece ter sido o principal motivo de sobrevivência das confecções coreanas após a abertura do mercado nacional nos anos 1990, durante os quais muitas confecções antigas do bairro fecharam as portas, contribuindo indiretamente para a aceleração do processo de sucessão étnica dos judeus para os coreanos nas confecções do polo têxtil do Bom Retiro.

Mais especificamente, o remanejamento do espaço de produção tem dois desdobramentos: o primeiro é a *permanência dos antigos edifícios de uso misto de indústria e comércio* (Figura 4), construídos pela colônia judaica para abrigar seus negócios. Eles atendem ao programa de uma confecção coreana, de estrutura reduzida, que cabe no espaço existente apesar de lidar com volumes maiores de produção. O segundo é a *proximidade espacial entre as confecções e as oficinas de costura*. Além de ser conveniente, isso parece ter uma relação íntima com a atual ocupação dos imigrantes bolivianos nos bairros centrais, tais como Bom Retiro, Brás e Pari. A ascensão econômica da colônia coreana e a consequente evasão das oficinas de costura, à medida que foram assumindo as confecções próprias, parecem ter atraído imigrantes de novo perfil para essas oficinas, em sua maioria de origem boliviana, durante os últimos 20 anos. Isso

causou um repovoamento dos bairros centrais, invertendo a tendência à desertificação (SOUCHAUD, 2011, p. 71), pois a maioria deles parece morar e trabalhar no mesmo lugar, nas casas-oficinas localizadas nesses bairros (CYMBALISTA; XAVIER, 2007, p. 126), onde há oferta de moradia barata e de emprego, e também proximidade do mercado de trabalho e do circuito de sociabilidade da coletividade boliviana.

Vale ressaltar que Light e Bhachu (1993¹¹ apud TRUZZI; NETO, 2007, p. 46) apontam a proliferação de pequenas firmas coreanas que operam de maneira similar nos mercados de confecção de São Paulo, Los Angeles, Berlim e Paris, apesar da necessidade de um estudo comparativo mais detalhado para afirmar algo a respeito desse fenômeno. No caso de São Paulo, as circunstâncias locais parecem justificar a introdução da pronta-entrega no mercado de confecção do Bom Retiro e do Brás pelos coreanos. E o que também se pode afirmar, baseando-se nas informações disponíveis, é que existe grande interação entre o Bom Retiro e Jobber Market de Los Angeles, em que muitos confeccionistas coreanos de São Paulo abriram negócios de formato idêntico ao que havia em São Paulo quando imigravam para os Estados Unidos. Mas existe outra semelhança entre os formatos de negócio dos dois polos de economia têxtil. Light e Bonacich (1991, p. xii-xiii) afirmam que os empresários coreanos de Los Angeles exercem a função de mediador entre os confeccionistas brancos e a força de trabalho latino-americana e que não empregam seus co-étnicos como força primária de trabalho. Se considerarmos que os atacadistas coreanos do Bom Retiro têm como clientes os varejistas brasileiros e que também costumam receber e executar encomendas de empresas nacionais de moda de grande porte, podemos afirmar que eles também intermedeiam as relações entre as empresas brasileiras e a mão de obra boliviana. Essa associação de trabalho entre as minorias étnicas é vista como algo delicado pelos autores, uma espécie de nó de conflito social, provavelmente porque os conflitos de interesse entre as classes são potencializados pela diferença étnica.

Por outro lado, nessa época, a imigração coreana estava completando 20 anos de história. E coreanos de um novo perfil, da *geração 1,5*, começavam a entrar no mercado de confecção. Eles falavam fluentemente coreano e português, haviam terminado sua formação escolar no Brasil e muitos possuíam formação superior. Bastaria observar hoje o fato de que a maioria dos confeccionistas do polo Aimorés-Lombroso são filhos de imigrantes antigos, com quase 30 anos de

¹¹ LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder. *Immigration and entrepreneurship: culture, capital and ethnic networks*. Transaction Publishers. New Brunswick, NJ, 1993.

Figura 4: Edifícios de uso misto de indústria e comércio na Rua Prof. Cesare Lombroso. Fonte: Foto da autora, 2015.



experiência na confecção, para atestar que a confecção coreana ganhou uma nova força com a entrada dessa geração. Havia críticas negativas sobre esse fenômeno dentro da colônia coreana, de que eles não contribuíam para a diversificação ao optar pela confecção e não pelas profissões liberais para as quais teriam sido preparados dentro das universidades. Mas o dinheiro que se ganhava na época com confecção não se comparava com o que ganharia um profissional assalariado, e a oportunidade de empreender negócios próprios era atraente, o que fez muitos montarem suas confecções na ocasião de casar e formar uma família (CHOI, 2011, p. 301).

Truzzi (2011, p. 31) destaca como a principal desvantagem de pertencer a uma rede de economia étnica a falta do *“capital social de reciprocidade, derivado das relações tecidas externamente à rede, com outros grupos, e, muitas vezes, crucial à mobilidade social”*. Nesse aspecto, a geração 1,5 tem a clara vantagem de transitar por círculos sociais de coreanos e de brasileiros, além de ser fluente nas duas línguas e conhecedora das duas culturas. Por isso, eles souberam responder rapidamente às mudanças econômicas decorrentes da abertura do mercado dos anos 1990, encontrando novas oportunidades dentro da crise econômica, e reformularam e sistematizaram os negócios aumentando ainda mais a competitividade dos coreanos no mercado.

Os fatores da conjuntura levantados acima, portanto, resultou na troca da etnia predominante no bairro: o Bom Retiro, que era considerado como um bairro judeu passou a ser um bairro de coreanos e essa transformação começou pelo setor têxtil. Houve mudanças também no plano espacial. Na década de 1980, as primeiras quadras da Rua José Paulino ainda continuavam abrigando os melhores pontos comerciais, mas as novas confecções coreanas começavam a ocupar as bordas do polo têxtil onde o preço de locação era menor e a disponibilidade era maior. Isso impulsionou uma valorização do segundo trecho da Rua José Paulino, da Rua Silva Pinto até o final, da Rua Aimorés e da Rua Professor Cesare Lombroso (Figura 3).

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA CONFECÇÃO COREANA

Na década de 1980, com o acúmulo das experiências anteriores em diversos estágios da produção e da venda do vestuário, o sucesso da pronta-entrega e a entrada da geração 1,5, os coreanos começaram a moldar e sistematizar seus negócios de acordo com a lucratividade e as circunstâncias, resultando no que eles chamam de “confecção”, ou *“jepum”* como gostam de referir-se a essa atividade em língua coreana. É importante defini-la, pois a confecção coreana se diferencia da oficina de costura em que apenas serviços de costura são realizados. Na verdade, uma confecção coreana normalmente abriga todas as etapas de produção até a venda atacadista, menos o serviço de costura. A maioria das confecções coreanas, desde essa época, possuem as seguintes características:

- Moda feminina
- Pronta-entrega
- Atacadista de alcance nacional
- Terceirização do serviço de costura
- Negócio familiar

A moda feminina é a modalidade preferida, pois o volume de mercadorias é grande e o giro é rápido. Os coreanos enfrentaram a rapidez exigida para acompanhar as tendências da moda feminina aliada ao modo de produção de pronta-entrega. Essa foi a fórmula do sucesso. E se os confeccionistas coreanos da década anterior tinham o papel de intermediar o produtor e o vendedor, ambos coreanos, as novas confecções estabelecidas em pontos comerciais dos polos atacadistas emergentes do Bom Retiro e do Brás já podiam trabalhar com um público de âmbito nacional atraído por suas vitrines.

Uma confecção de pequeno ou médio porte emprega cerca de 20 a 50 pessoas, possuindo dentro da empresa espaços verticalizados para administração, desenho de produtos, modelagem, corte, acabamento, estoque e *showroom* de venda, este último comumente localizado no andar térreo (Figuras 5 e 6). Porém, são raros os casos em que a costura é feita dentro delas. Baseadas na produção flexível e externa à estrutura das empresas, as confecções conseguem funcionar dentro de uma organização enxuta, tanto no espaço quanto nas relações de obrigação empregatícia, diminuindo drasticamente o custo fixo.

A confecção coreana também é um negócio familiar em que os donos participam ativamente da produção. O casal de proprietários se encontra no centro da produção: geralmente, a mulher desempenha o papel central do negócio, desenhando as roupas e atendendo os clientes enquanto o homem administra o pessoal e as finanças. Segundo Sung (2012, p. 347-348), o trabalho da confecção fez que muitas famílias de tradição patriarcal vivessem

Figuras 5 e 6: Oficinas internas de uma confecção localizada à Rua Aimorés.
Fonte: Fotos da autora, 2015.



rapidamente a ascensão do papel da mulher nas casas e nos negócios, o que passou a gerar conflitos frequentes. Além disso, a mistura da família com o negócio deixava as relações confusas. De fato, muitos se queixam do desgaste na relação de casal, ou na relação com a nora, que tenta assumir o negócio dos sogros depois do casamento. Nas conversas pelo bairro, podemos ouvir frases como: “[As confecções] são negócios pequenos. Normalmente, não têm espaço para duas mulheres”¹². Ou “Uma vez, ouvi alguém dizendo que procurava uma nora que tocasse bem a loja. Então, perguntei para ele: o senhor está procurando uma gerente?”¹³

Os casamentos entre coreanos, antes de tudo, acontecem pela afinidade cultural e pela proximidade na convivência. Mas, em uma colônia cujos membros trabalham no mesmo ramo de negócios, também podem virar oportunidades para firmar alianças entre as famílias, ou seja, entre os negócios, ou para buscar sucessores.

DÉCADA DE 1990: A FORMAÇÃO DO POLO ATACADISTA AIMORÉS-LOMBROSO

¹² Relatos de campo.

¹³ Entrevista concedida por uma confeccionista da Rua José Paulino.

¹⁴ OS COREANOS, uma invasão do mistério. *O Estado de São Paulo*. 19 de setembro de 1982.

Apesar de os coreanos do Bom Retiro de hoje serem conhecidos pela maneira ostensiva com que exibem seus produtos, isso nem sempre foi assim. De acordo com um jornal de 1982, “[...] mais do que o cheiro (de alho) as lojas dos coreanos se caracterizam pelo completo despojamento de qualquer material de propaganda” (OS COREANOS¹⁴ apud CHOI, 1991, p. 107), apontando uma aparência desleixada e sem cuidados das confecções da época. Aos poucos, eles foram aprimorando a apresentação de seus produtos por causa da necessidade inerente a seus negócios.

Nos anos 1990, eles enfrentaram uma crise econômica que os obrigou a reformatar seus negócios, resultando em um salto qualitativo. Segundo Choi (2011, p. 308), a abertura do mercado brasileiro trouxe sofisticação aos produtos produzidos pelas confecções coreanas, causada pela necessidade imediata de diferenciar-se da roupa barata importada da Ásia e para explorar um nicho de mercado diferente dos produtos asiáticos, evitando, assim, a concorrência. Por isso, se as confecções dos anos 1980 lucravam com a venda em grande escala de produtos baratos, as confecções da década de 1990 apostavam em qualidade. Mas como os confeccionistas coreanos não tinham formação profissional para trabalhar com desenho de vestuário, faziam réplicas do que existia. Desde então, coreanos do Bom Retiro e do Brás viajam periodicamente à Europa e a Nova York para abastecer suas bagagens com as últimas novidades, aproveitando que os lançamentos de moda no hemisfério sul acontecem com seis meses de atraso em relação ao hemisfério norte. Ao voltar para o Brasil, descosturam as roupas, analisam os cortes e fazem as adaptações para o biótipo e o gosto das brasileiras. No Bom Retiro, as agências de viagem oferecem excursões internacionais para a comodidade de quem viaja especificamente com esse fim.

Esse novo hábito no trabalho influenciou a transformação espacial do bairro de maneira direta. Quando viajavam, além das roupas da coleção nova, eles traziam referências das vitrines, dos espaços de venda e da apresentação dos produtos dos maiores polos internacionais de moda. As ruas que cresceram com esse movimento de sofisticação das confecções, tais como a Rua Aimorés e a Rua Professor Cesare Lombroso, no Bom Retiro, e a Rua Miller, no Brás, portanto, exibem uma aparência diferente do restante das ruas de confecção. Segundo

um ex-confeccionista da Rua Aimorés “*Aí, cresceram as ruas principais do Bom Retiro e do Brás com a cara da Europa, cara de Saint-Germain de Paris*”¹⁵.

A sofisticação dos produtos chegou acompanhada da valorização imobiliária das ruas comerciais do Bom Retiro, provocada principalmente pela disputa entre os confeccionistas coreanos por melhores pontos comerciais. Se considerarmos que a concentração espacial é característica das atividades atacadistas de pronta-entrega, e que a localização da loja influi no desempenho das vendas, podemos entender as razões para tal disputa interna. As novas confecções da época, já com essa tendência de sofisticação, encontraram na Rua Professor Cesare Lombroso – até então ocupada por pequenas indústrias e armazéns – espaço barato para construir uma nova rua comercial condizente com o renovado padrão de qualidade das confecções. Foram pioneiras as confecções da Rua Lombroso por montarem vitrines ostensivas, pois precisavam chamar atenção. Aproveitavam a vantagem de ser menores, promoviam estratégias agressivas de venda e logo o mercado da Rua Lombroso tornou-se muito dinâmico. Nesse momento, o movimento coletivo teve força suficiente para valorizar a rua rapidamente, impulsionando a criação de um novo polo de moda proveniente desta.

¹⁵ Trecho de entrevista concedida por um engenheiro e ex-confeccionista da Rua Aimorés.

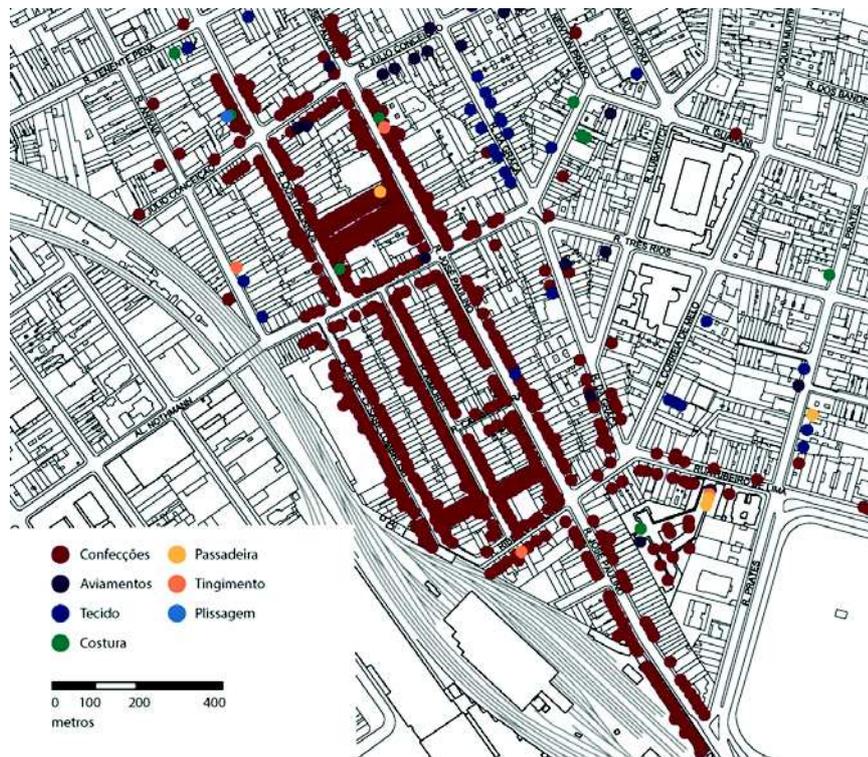
Com a ascensão econômica, os confeccionistas da Rua Lombroso que enriqueceram acabaram se transferindo primeiro para a Rua José Paulino e depois para a Rua Aimorés. Alguns confeccionistas bem-sucedidos começaram a adquirir pontos na Rua Aimorés, onde os edifícios eram maiores e existiam oportunidades para negociar a compra das propriedades. Metade dos imóveis da Rua Lombroso está nas mãos de um único proprietário até hoje, o que dificulta sua aquisição, obrigando os confeccionistas a ter seu lucro comprometido com aluguéis que não param de subir com a valorização da rua. Quem adotou a estratégia de comprar uma propriedade na Rua Aimorés nessa época conseguiu diminuir o custo fixo e aumentar a liberdade para modificar os imóveis. E essa fórmula trouxe prosperidade ainda maior para quem se estabeleceu na Rua Aimorés. Consequentemente, os pontos comerciais da Rua Aimorés tornaram-se os mais valorizados do bairro em poucos anos. As duas ruas cresceram juntas, desde então, compartilhando as mesmas características e tendências.

ANOS 2000: O AUGE ECONÔMICO

Logo após a consolidação do novo polo atacadista de moda feminina Aimorés-Lombroso, os primeiros cinco anos da década do ano 2000 são considerados, pelos confeccionistas locais, como o auge econômico desse polo (Figura 7). O ânimo era grande e os jornais de veiculação nacional espalhavam notícias sobre o Bom Retiro querer assumir uma nova identidade ligada ao luxo.

Paralelamente a isso, organizou-se um movimento de intervenção urbana, chamado de *Projeto Bom Retiro* (PAULA, 2004), que propunha uma coordenação de ações de diversos setores que incidiam sobre o bairro. O projeto adotou o polo Aimorés-Lombroso como área-piloto e intentou uma série de medidas integradas. Mas o resultado concreto dessa iniciativa acabou limitando-se à renovação das instalações urbanas e a uma série de reformas das unidades comerciais empreendidas por conta de cada confeccionista, ainda que a maioria não fosse proprietária dos imóveis. Podemos dizer que alguns investiram acreditando fortemente na valorização de seus negócios, mas é inegável que muitos foram obrigados a seguir a mudança dos vizinhos para

Figura 7: Localização dos negócios de imigrantes coreanos no polo têxtil do Bom Retiro.
Fonte: Diário Joong-Ang¹⁷.
Base: Cesad-FAU-USP¹⁸.



não destoarem do conjunto. O que não sabiam, porém, era que a contrapartida viria sob a forma de aumento de 60% no valor do aluguel em três anos (DANTAS, 2006)¹⁶. Ainda assim, é motivo de orgulho da colônia o que essas ruas se tornaram hoje.

Entretanto, os confeccionistas almejavam maior grau de especialização profissional e formalização dos negócios, eliminando aos poucos irregularidades e vícios típicos de pequenos negócios familiares. À medida que cresciam o faturamento e o volume de mercadorias que manipulavam, os confeccionistas sentiam mais urgência em regularizar seus negócios, desejo expresso quando mencionam “*deixar de ser comerciantes para virar empresários de verdade*”. No entanto, este tem sido um desafio difícil para quem alcançou sucesso econômico sem conhecimentos próprios de um administrador, copiando fórmulas de negócios dos vizinhos e conhecidos, e sem ter refletido muito sobre a ética subjacente e seus valores morais. Quando acusados de explorarem mão de obra irregular, muitos confeccionistas exibem atitudes de perplexidade diante das mudanças de valores que incidem sobre o trabalho de costureiro, do qual eles mesmos se sabem beneficiários, quando nele se apoiaram e ergueram na fase difícil do início da imigração.

ATUALIDADE

Há alguns anos, o polo têxtil do Bom Retiro mostra uma forte tendência de retração. Independentemente da conjuntura econômica nacional, essa retração está relacionada aos sintomas gerais da economia neoliberal, como a decadência de pequenos comércios locais, deslocamento do polo de produção

¹⁶ Sobre detalhes da valorização imobiliária do polo têxtil, ver Chi (2016) Capítulo 4, item 1.3.

¹⁷ Diário Joong-Ang. *Lista comercial dos coreanos 2009/2010*. São Paulo, 2009 (em coreano).

¹⁸ *Mapas digitais da Região Metropolitana de São Paulo*. São Paulo, Cesad-FAU-USP. Disponível em: <http://www.cesadweb.fau.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=192819&Itemid=1460#current>. Acesso em: nov. 2014.

Figura 8: Confeccões da Rua dos Italianos de portas fechadas durante o horário comercial.
Fonte: Foto da autora, 2015.



para a Ásia e a concorrência com redes multinacionais do ramo de vestuário (Figura 8). A queda de desempenho das confecções do bairro nos últimos anos fez que muitos fechassem suas portas. Por isso, os que permanecem até hoje se consideram sobreviventes. O consenso diz que uma mudança drástica deve ocorrer na estrutura dessas confecções para que elas sobrevivam e prosperem novamente. Muitos confeccionistas consideram que o próximo passo seja seguir o exemplo dos grandes magazines multinacionais: ter uma marca própria, elaborar estratégias profissionais de marketing e assumir o controle de toda a cadeia de produção e venda – desde a concepção dos produtos e a produção até a venda ao consumidor final. E isso inclui, muitas vezes, o deslocamento da unidade de produção para a Ásia, solução que mantém o custo baixo e traz a regularização do processo de produção ao mesmo tempo, sem que haja necessidade de adaptar-se às exigências trabalhistas nacionais.

Por outro lado, chegou o momento de os confeccionistas coreanos encararem a necessidade da troca de geração. Na ausência de herdeiros, optam pela mudança de modalidade para sobreviver por mais tempo. Senhoras de idade continuam trabalhando na criação das peças, mas deixam de trabalhar com moda jovem. Migram para roupas de tamanhos grandes, de senhoras ou vestidos de festa, modalidades em que os modelos não mudam a cada temporada de acordo com as tendências.

Sobre essa necessidade iminente de sucessão, a segunda geração está dividida: muitos herdam as confecções dos pais, mas também há uma grande evasão para outros trabalhos mais especializados. O que se observa é que a evasão da segunda geração das atividades de confecção acontece principalmente quando os pais têm baixo poder aquisitivo. Por isso, a adesão da segunda geração às confecções parece ser maior no polo atacadista Aimorés-Lombroso. No entanto, a continuidade dos negócios coreanos no polo têxtil do Bom Retiro parece ser uma incógnita, pois a difícil concorrência interna e o cenário econômico dos últimos anos fizeram que o bairro deixasse de atrair novos imigrantes coreanos.

REFERÊNCIAS

- A INFLUÊNCIA dos coreanos no comércio do Bom Retiro. *Jornal da Semana*. São Paulo, 25 de outubro de 1987. Shopping News/City News. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.
- CHI, Jung Yun. *O bom retiro dos coreanos*: descrição de um enclave étnico. 2016. 245 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-05092016-133007/pt-br.php>. Acesso em: 26 de novembro de 2016.
- OS COREANOS, uma invasão do mistério. *O Estado de São Paulo*. 19 de setembro de 1982 apud CHOI, Keum Joa. Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.
- CHOI, Keum Joa. *A vida na cidade de São Paulo*. In: COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL. *A história de 50 anos da imigração coreana no Brasil 1962-2011*, p. 271-365 (em coreano). Associação dos Coreanos do Brasil. Seul: Ed. Gyo Um Sa, 2011.
- COREANOS ESCONDIDOS há seis anos. *Folha de São Paulo*. 6 de agosto de 1978. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.
- CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara Rolnik. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. In: *Cadernos da metrópole*, n.17, p.119-133, 2007.
- DANTAS, Vera. Bom Retiro ganha ar de shopping. *O Estado de São Paulo*. 4 de dezembro de 2006. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.
- DINIZ, Pedro. Bom Retiro numa boa. *Folha de São Paulo*. São Paulo. Revista São Paulo. 1º a 7 de abril de 2012. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.
- THE OVERSEAS KOREANS FOUNDATION. Disponível em: <http://www.korean.net/morgue/status_4.jsp?tCode=status&dCode=0105>, 2009 apud IM, Yun Jung *et al.* *The second generation of Koreans in Brazil: a portrait*. UCLA Center for Korean Studies. Los Angeles: University of California, 2009. Disponível em: <<http://international.ucla.edu/media/files/JRP-2008-2009-Im-2nd-Generation-Brazil.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2015.
- LIGHT, Ivan; BONACICH, Edna. *Immigrant entrepreneurs: Koreans in Los Angeles (1965-1982)*. Los Angeles: University of California Press, 1991.
- PAULA, Cleiton Honório de. Bom Retiro, centro da moda. *Revista URBS*. Associação Viva o Centro, n. 33, p. 42-45. São Paulo, Janeiro/fevereiro de 2004. Hemeroteca do Arquivo Histórico da Cidade de São Paulo.
- SOUCHAUD, Sylvain. Presença estrangeira na indústria de confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo. In: LANNA, Ana Lúcia D. et al. (Org.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 63-88.
- SUNG, Jung Mo. Imigração coreana: uma comunidade e duas culturas. In: DANTAS, Sylvia Duarte. *Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder. *Immigration and entrepreneurship: culture, capital and ethnic networks*. Transaction Publishers. New Brunswick, NJ, 1993 apud TRUZZI, Oswaldo; NETO, Mário Sacomano. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *Revista de Administração de Empresas*, v. 47, n.2, p. 37-48. Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2007.
- TRUZZI, Oswaldo; NETO, Mário Sacomano. Redes em processos migratórios. In: LANNA, Ana Lúcia D. et al. (Org.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo, Alameda, 2011. p. 19-38.

Nota da Autora

Este artigo foi elaborado a partir de um excerto da dissertação de mestrado intitulada *O bom retiro dos coreanos: descrição de um enclave étnico*, apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir Bartalini (CHI, 2016). Sua realização contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Nota do Editor

Data de submissão: 19/07/2016

Aprovação: 12/11/2016

Revisão: Gisele C. Batista Rego

Jung Yun Chi

Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP).

CV: <http://lattes.cnpq.br/5441502172345326>

jung2301@gmail.com